

## 1

O tempo parece escoar-se. O mundo acontece, prolonga-se numa sucessão de momentos e nós detemo-nos a olhar uma aranha espalmada contra a sua teia. Há na luz um fulgor que leva a que os objectos nos pareçam recortados com precisão, enquanto faixas brilhantes percorrem a baía. Sabemos melhor quem somos num dia de intensa claridade, depois de um temporal, quando o sentimento de si trespassa todas as folhas que caem, mesmo as mais pequenas. O vento rumoreja entre os pinheiros e o mundo adquire uma existência irreversível e a aranha agarra-se à teia que o vento faz baloiçar.

Aconteceu que, naquela manhã derradeira, ambos se encontraram ao mesmo tempo ali, na cozinha, e cruzaram-se em passo arrastado para ir buscar coisas aos armários e às gavetas e depois esperaram que o outro saísse da frente do lava-loiças e do frigorífico, com os últimos resquícios dos sonhos ainda a toldar-lhes o espírito, e ela abriu a torneira e deixou escorrer água sobre o punhado de mirtilos que segurava na concha da mão e

fechou os olhos para inalar o aroma que se elevava das bagas.

Sentado, a ler o jornal, ele mexia o café. O café e a chávena eram dele. Ambos partilhavam o jornal, mas sabiam, mesmo que nenhum o dissesse, que era pertença dela.

— Queria dizer-te qualquer coisa, mas o quê?

A água escorria da torneira e ela julgou reparar em algo. Era a primeira vez que se dava conta daquilo.

— Sobre a casa. Já sei — declarou ele. — É uma coisa que ando para te dizer.

Ela reparou como a água da torneira ficava opaca ao fim de escassos segundos. A água escorria, prateada e límpida, e, poucos segundos depois, ficava opaca e era bem curioso que ao cabo de tantos meses e de tantas ocasiões em que se servira da torneira da cozinha ela nunca tivesse reparado como a água escorria límpida a princípio e depois ficava não exactamente turva mas sim opaca, ou talvez aquilo nunca antes tivesse acontecido, ou então ela reparara e tornara a esquecer-se.

Acercou-se do armário com os mirtilos molhados na mão e, erguendo o braço, pegou no pacote de cereais e pousou-o na bancada, o pacote em tons de castanho e branco, e foi então que aquela peça da torradeira saltou e ela tornou a empurrá-la para baixo porque era preciso carregar duas vezes para que o pão ficasse escuro e, sem perder o ar ausente, ele fez um aceno aprovador com a cabeça, porque a torrada era dele e a manteiga também e depois ligou o rádio e apanhou o boletim meteorológico.

Os pardais estavam no comedouro, a bater as asas, a disputarem um lugar nos poleiros em forma de anel.

Ela tirou uma tigela do armário mais próximo e sacudiu o pacote para despejar um montinho de cereais e, por

fim, deixou cair as bagas por cima. Esfregou a mão nas calças de ganga para secá-la e sentiu algures a impressão da cor azul, fluida e desbotada.

Como é que se chama, o comutador. Carregara no comutador para o pão dele ficar escuro.

A torrada era dele, o boletim meteorológico dela. Ouvia os boletins e telefonava vezes sem conta para o número das informações sobre o estado do tempo e, por vezes, postava-se diante da casa e ficava a contemplar o céu por cima da costa, a saborear a brisa, tentando extrair conclusões.

— Sim, exactamente. Já sei o que era — disse ele.

Ela aproximou-se do frigorífico e abriu a porta. Ficou ali, parada, a tentar lembrar-se de algo.

— O quê? — perguntou, mas a pergunta significava o que é que disseste, não o que é que me querias dizer.

Lembrou-se da soja granulada. Foi até ao armário, tirou a embalagem da prateleira e tornou a agarrar a porta do frigorífico, evitando que esta se fechasse sozinha. Estendeu o braço para pegar no leite e, nesse momento, apercebeu-se do que ele dissera cerca de oito segundos antes e ela não ouvira então.

Sempre que era obrigada a curvar-se e a procurar alguma coisa nas zonas mais baixas e recônditas do frigorífico soltava um gemido, mas nem sempre, diga-se, gemido esse que se assemelhava ao queixume de toda uma vida. Tinha um corpo demasiado são e elástico para sentir desconforto, e limitava-se a imitar Rey, a identificar-se com ele, a gemer o gemido dele, mas de uma forma tão irrepreensível e intensa que o desconforto passava a ser dela também.

Agora que ele se lembrara do que queria dizer-lhe, parecia ter-se alheado da questão. Ela não precisava de lhe

ver o rosto para perceber isso. Estava no ar. Estava na pausa que se arrastava desde o comentário que ele proferira há oito, dez, doze segundos. O assunto era tão insignificante que ele encararia como uma espécie de amesquinçamento o facto de trazê-lo a lume.

Ela acercou-se da bancada e despejou soja por cima dos cereais e das bagas. O comutador saltou ou foi projectado e ele levantou-se e trouxe a torrada para a mesa e depois foi buscar a manteiga e ela, com o pacote de leite já inclinado na mão, teve de se afastar da bancada quando ele se aproximou, para deixá-lo abrir a gaveta e tirar de lá uma faca de manteiga.

Do rádio saíam vozes que pareciam falar hindi.

Ela despejou leite na tigela. Ele sentou-se e tornou a levantar-se. Foi até ao frigorífico e pegou no sumo de laranja e ficou parado no meio da cozinha a agitar a embalagem para misturar a polpa e tornar o sumo mais espesso. Nunca se lembrava do sumo até a torrada estar pronta. Em seguida, agitava a embalagem e depois vertia o sumo e ficava a olhar enquanto uma película de espuma borbulhante aparecia na borda do copo.

Ela tirou um cabelo da boca e pôs-se a examiná-lo, imóvel junto à bancada, um fio curto e de cor clara que não era dela nem dele.

Ele continuava a agitar a embalagem, ainda de pé. Agitou-a durante mais tempo do que o necessário porque estava distraído, pensou ela, e porque isso lhe dava um prazer apatetado e inocente, que se esgotava na puerilidade do gesto, no sacolejar repetitivo, no ruído viscoso e no cheiro a laranja exalado pelo pacote de cartão.

— Queres um bocado de sumo? — perguntou ele.

Ela perscrutava o cabelo.

— Diz-me lá, que eu não tenho bem a certeza. Costumas beber sumo? — insistiu ele, ainda a sacudir o raio do pacote, segurando-o pela abertura com dois dedos em pinça.

Ela raspou a língua com os dentes de cima para se libertar da bizarra memória sensorial do cabelo de outra pessoa.

— O quê? Eu nunca bebo isso. Tu sabes perfeitamente. Há quanto tempo vivemos juntos? — disse.

— Não muito — replicou ele.

Pegou num copo, verteu o sumo e observou enquanto a espuma aparecia. Em seguida, tornou a sentar-se na cadeira com gestos lentos e um ar vagamente dorido.

— Não o suficiente para eu reparar nesses pormenores — declarou.

— Sempre achei que uma coisa destas não devia acontecer aqui. Em todos os lugares menos aqui, pensava eu.

— O quê? — indagou ele.

— Um cabelo na minha boca. Um cabelo de outra pessoa.

Ele barrou a torrada com manteiga.

— Achavas que isso só acontecia nas grandes cidades, onde há montes de gente misturada?

— Em todos os lugares menos aqui. — Ela segurava o fio de cabelo entre o polegar e o indicador, contemplando-o com uma repugnância fingida, ou com uma repugnância genuína levada aos limites do artifício, a boca paralisada num esgar oblíquo. — É o que eu acho.

— Talvez o tivesses na boca desde a infância. — Ele tornou a debruçar-se sobre o jornal. — Em pequena, tinhas um cãozinho de estimação?

— Escuta lá. Acordaste agora, foi? — replicou ela.